



## APRESENTAÇÃO

Ateliê de História UEPG retorna após breve, porém dolorido decurso de tempo, que, cabe esclarecer ao leitor, está diretamente relacionado às duas greves que marcaram o primeiro semestre letivo de 2015, período a que se refere o presente número.

Assim, não podemos deixar de registrar, com profunda indignação, os sucessivos massacres aos quais vem sendo submetido o Ensino Público paranaense, nele incluso o Ensino Superior, os quais motivaram a mobilização grevista. Tais massacres, é importante salientar, não tiveram início no trágico 29 de abril, data desde então dolorosamente marcada na memória não apenas do povo paranaense, mas de todo o Brasil e mesmo do mundo, que acompanhou, assombrado, o uso desumano de balas de borracha, bombas de gás, helicópteros e outros recursos contra os servidores públicos, em sua maioria professores. Observe-se que estes lutavam, e seguem lutando, única e exclusivamente em favor do respeito e consequente manutenção de direitos legítimos, entre os quais destaca-se o direito cidadão ao Ensino Público, gratuito, de qualidade e socialmente referenciado.



Estacheski, Luiz Augusto. *Tropa de choque avançando*. Curitiba, 29 de abril de 2015.

Trata-se assim de um massacre que, além de prosseguir, se caracteriza por fazer vítimas para além da comunidade acadêmica. Afinal, ao ferir profundamente o Ensino, afeta imediatamente à toda a população, bem como às gerações futuras.

O massacre vem sendo promovido por setores da sociedade e seus representantes no Executivo e no Legislativo estadual que tendem a conceber o repasse de recursos públicos para a Educação como mera “despesa”. Sob tal pretexto, empenham-se para reduzi-la. Não o concebem, portanto, como um dos mais preciosos e seguros investimentos que o Estado pode e deve realizar!

E segue, em determinadas ocasiões, literalmente derramando o sangue da população, como se deu em 29 de abril de 2015. Contudo, via de regra, é realizado de maneira silenciosa, por intermédio de leis, decretos, resoluções e confiscos aprovados, se possível, sem alarde. Tudo isso levado a cabo sob o lema neoliberal nem sempre assumido de promover a privatização dos serviços públicos.

Assim procedendo, cabe reafirmar, trabalhar em prol da precarização do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. Elementos estes que constituem o tripé do Ensino Superior, que Ateliê, valorizando a produção desenvolvida pelos acadêmicos da Graduação e da Pós-Graduação, tão orgulhosamente tem a missão de divulgar, mesmo em meio ao massacre. Passemos, portanto, à descrição de seu conteúdo, disponibilizado em momento tão incerto, doloroso e ameaçador.

Os primeiros artigos têm como foco a História Regional e a História Local. Guilherme Alves Pedlowski, sob a orientação de Niltonci B. Chaves, discorre sobre os textos de Hugo Reis na imprensa local, especificamente no jornal ponta-grossense *O Progresso*, contemplando a temática espírita nos escritos do jornalista carioca, o qual se integrou a uma geração de intelectuais locais que utilizavam uma imprensa que estava por se consolidar como forma de manifestar suas ideias. Na perspectiva do estudo, através dos escritos

de Hugo Reis, a comunidade espírita em Ponta Grossa se ampliou e essa inserção religiosa é tensionada através da Análise de Conteúdo.

No segundo texto, “De histórias e tradições: o Centro Cultural Euclides da Cunha e a historiografia no periódico *Tapejara* (1950-1961)”, Caroline Aparecida Guebert, orientada por Erivan Cassiano Karvat, versa sobre os discursos históricos e as práticas intelectuais vinculadas ao Centro Cultural Euclides da Cunha, em Ponta Grossa e suas relações com intelectuais correspondentes que residiam em várias partes do país. De acordo com estudo, o *Tapejara* foi meio de divulgação de ideias e tendências próprias, como forma de expressar uma interpretação particular sobre o Brasil e a obra de Euclides da Cunha.

Em “Visões do Paraná: uma análise historiográfica das reportagens de Samuel Guimarães da Costa na década de 1980”, Juliana Bellafronte Silva, orientada por Antonio Paulo Benatte, propõe-se a refletir sobre a história paranaense, apresentando a trajetória de Samuel G. da Costa, que trabalhou para publicações como *Gazeta do Povo*, *O Dia*, *O Diário do Paraná* entre outras, de forma a traçar uma análise tendo por base conceitos como lugar social, efeito de real e urdidura de enredo.

Fechando esta seção de tccs sobre História Local e Regional, o patrimônio arquitetônico de Castro é tema da análise de Samara Hevelize de Lima, sob a orientação de Elizabeth Johansen, tendo como embasamento empírico as legislações de preservação, como as *Cartas Patrimoniais*, que servem como pauta de debate sobre o patrimônio local. O trabalho apresenta também algumas das edificações que adquiriram valor histórico-cultural, nessa perspectiva, como *Museu do Tropeiro*, *Museu Casa de Sinhara*, entre outras.

Na sequência, Pamella Louise Camargo, orientada por Antonio Paulo Benatte, discute “A recepção literária na invenção da Wicca: um panorama contextual”. O texto se debruça sobre as características da religião Wicca, tomada como fruto do contexto da contracultura, trazendo elementos acadêmicos e li-

terários como parte de sua análise. O texto fecha a seção de tccs produzidos pela Graduação em História modalidade presencial.

São apresentados agora os TCCs realizados no Curso de Especialização em História, Arte e Cultura, ofertado pela UEPG na modalidade a distância.

A distribuição de água potável na cidade de Paranaguá tornou-se alvo dos estudos sistematizados no formato artigo por Alexandre Camargo de Sant'Ana, orientado por Sara Simas. Partem os autores do momento histórico em que a cidade passava por um êxodo urbano, tendo como motivo a insalubridade do rio Itiberê e as relações de forças estabelecidas entre população, poder público e esfera privada. Tem-se assim um jogo de relações de poder que conferiu à história de Paranaguá uma dinâmica bem particular, durante o processo de instalação do sistema de água encanada, iniciado em 1914.

Já Rafael Dalalíbera Rauski e seu orientador Raphael Guilherme de Carvalho apresentam um levantamento histórico sobre as bandas marciais ponta-grossenses durante a década de 1990, utilizando como aparato metodológico a História Oral. Entre as inquietações manifestadas pelos entrevistados, geralmente músicos, coordenadores, maestros etc., vislumbram-se preocupações com este segmento da música local.

Em “A representação social da banha de porco nas páginas do jornal Diário dos Campos durante a década de 1930 em Ponta Grossa”, Marcelo França Kaiut, orientado por Rosângela Wosiack Zulian analisa as percepções sobre o contexto social, cultural, político e econômico da cidade esboçadas pela imprensa de Ponta Grossa.

A interpretação alternativa do poema “Morte e vida Severina” é tema dos escritos de Débora Bueno Brochado Dezidero, cujo orientador é Ronaldo Terra. O estudo se desenvolve por intermédio das questões pertinentes ao universo simbólico, versando sobre os objetivos literários e sociais do texto antológico de João Cabral de Melo Neto.

“Simbologia de ruptura: Anita Malfatti e

Pina Bausch, artistas e a crítica” é o texto redigido por Márcia Teresinha Martins, orientada por Anita Koneski. O foco da temática sobre a qual discorre esta produção são duas escolas, as artes plásticas e a dança, tendo como inspiração o expressionismo.

As construções de feminilidade em gibis dos X-Men evidenciam o “Imaginário de bela e sedutora” no texto construído por Felipe André Pedroso de Oliveira, orientado por Janaína de Paula do Espírito Santo. Tomando por base documental quatro minisséries dos HQs dos X-Men, sob o constructo da feminilidade idealizada como marca das personagens femininas da obra.

Por fim, as representações sobre a colaboração entre sociedade civil durante a ditadura militar são foco das reflexões de Pedro Paulo Donadelli e Edgar Rego, utilizando para sua análise o documentário “Cidadão Boilelsen” de 2009, sob direção de Chaim Litewski. O envolvimento entre empresários brasileiros e financiamento para o golpe e durante o regime.

Finalizando destacando o novo modelo de capa inaugurado com o presente número. Nele temos um registro do dia 29 de Abril, realizado por Luiz Augusto Estacheski, acadêmico do 3º ano do curso de Licenciatura em História, autor de todas as imagens que acompanham o presente texto.UEPG.

Ponta Grossa, julho de 2015.

Francieli Lunelli Santos  
Marco Antonio Stancik  
(Editores)



Estacheski, Luiz Augusto. Como se proteger? Curitiba, 29 de abril de 2015.



Estacheski, Luiz Augusto. Balas de borracha, bombas de gás, violência. Curitiba, 29 de abril de 2015.